

PEDRO NAVA



LITERATURA DE CORDEL

RAIMUNDO SANTA HELENA

P E D R O N A V A

O Rio (13 de maio
Deste ano) festejava
As mães e a Lei Áurea
Mas a árvore chorava
Molhando debaixo dela
O corpo frio, sem vela,
Do Poeta Pedro Nava...

Nísia Nóbrega falava
Da morte do meu irmão,
Desliguei o telefone,
Fiquei sentado no chão -
Lá fora o Sol nascente,
Na sala o som plangente
Do meu velho carrilhão...

Foi um choque pra Nação
A perda deste mineiro,
Memorialista, médico,
Amigo, bom companheiro.
Tudo que tinha direito
Ele gozou com respeito
Neste mundo passageiro...

Nasceu este brasileiro
Em Minas, Juiz de Fora,
Oitenta anos, mais um,
Ia completar agora
No dia 5 de julho.
Deu seus olhos, com orgulho,
Pra Cruz Vermelha, que chora...

A morte não marca hora,
Inventa qualquer motivo.
Tem vaga no "Sabadoyle",
Mas o Pedro está vivo
No acervo cultural
Do intelectual -
Autor de Balão Cativo...

Nava foi persuasivo
Como dribles dos Djalmas.
Escreveu o Chão de Ferro,
Beira-Mar, merecem palmas
Oito obras do conjunto,
Por exemplo, O Defunto
E também Cera das Almas...

Algumas mensagens calmas
Que nem um Bad de Ossos.
Publicou Galo das Trevas,
Círio Perfeito... os nossos
Leitores não leram Cera -
Nem Dona Nieta lera
Aqueles volumes grossos...

Pedro deixou os caroços
Do livro inacabado -
Que a Cera seja vela
No Brasil iluminado
Que Nava viu no escuro,
O povo por trás do muro,
3 Correndo pra todo lado...

Quem reclama é fichado,
Se torna presidiável.
Pedro não era político
Mas fez o indispensável.
40 anos no Rio,
Foi o maior desafio
Nesta terra adorável...

Era médico notável,
Escritor bitemporal:
Escreveu no fim da vida
Para nova geração.
"Foi até onde podia",
Carlos Drummond já dizia.
Pedro não fez gravação

Pra uma televisão,
Que seria comentada
Pelo Virgílio Moretzsohn.
Mas a vida 'tá gravada.
Deixou cartas pros amigos.
No silêncio dos jazigos
No Caju, sua morada...

Depois de ser sepultada
A matéria vira pó.
Mas a alma do Pedrinho
Lá no Céu não está só -
Tem Vinícius e Tristão,
E quem sabe, Lampião,
Pois de todos Deus tem dó...



Minha mãe é bisavó,
Sofreu mais que Jesus Cristo.
Se quer viver ou não quer,
Ninguém tem nada com isto.
Pedro Nava pesquisou,
Logo se capacitou.
Amou a vida, insisto...

Mas seu dever ficou misto
Nas pesquisas de memória
Do Estado, que o pôs
Na função comprobatória:
Seu tempo foi dividido,
O escritor consumido
Morreu no pódio da Glória...

Também pode ser estória
De que se suicidou.
Demonstrava ser feliz.
Antes do tiro falou
Ao telefone com quem
Num trote matou alguém
Que tantas vidas salvou... FIM

FRASE DO DIA

De Pedro Nava, em Baú de Ossos, referindo-se à morte de seu pai:

"Naquela altura ele ficou distante, transmutou-se na coisa além das afeições, das convenções, dos contratos, das reciprocidades."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

JORNAL DO BRASIL □ 15/5/84

'O defunto'

Transcrevemos algumas estrofes do poema "O Defunto", a que se referem os amigos de Pedro Nava:

Quando morto estiver meu corpo,
Evitem os inúteis disfarces, :
Os disfarces com que os vivos,
Só por piedade consigo,
Procuram apagar no Morto
O grande castigo da Morte.

Não quero caixão de verniz
Nem os ramalhetes distintos,
Os superfinos candelabros
E as discretas decorações.

Quero a morte com mau gosto!

Dêem-me coroas de pano.
Dêem-me as flores de roxo pano,
Angustiosas flores de pano,
Enormes coroas maciças,
Como enormes salva-vidas,
Com fitas negras pependentes.

Não me envolvam em lençol:
A franciscana humildade
Bem sabeis que não se casa
Com o meu amor da Carne,
Com o meu apego ao Mundo.

E quero ir de casimira:
De jaquetão com debrum,
Calça listrada, plastron
E os mais altos colarinhos.

Alphons & Sumner
MORRIS
Pedro Nava

Nava, "sempre brilhando", foi o assunto com que Plínio Doyle abriu a ata do último *sabadoyle* a que o escritor compareceu, na véspera do suicídio. Sua assinatura é a terceira

JORNAL DO BRASIL 17/5/84 □

Pedro Nava

O GLOBO 15/ 5/ 84

LITERATURA DE CORDEL**RAIMUNDO SANTA HELENA**

Folheto 87-154-1142 Rio, Brasil, 15/5/1984.

2 mil exemplares. 1ª edição. Produção artesanal de Raimundo Santa Helena, poeta do Sertão de Cajazeiras, Paraíba, de onde fugiu com 11 anos de idade pra vingar a morte de seu pai assassinado por Lampião em 9-6-1927. Mas chegou em Fortaleza como pau-de-arara, dormiu na sarjeta, comeu restos de comida, porém se reabilitou trabalhando 13 horas por dia e estudando à noite num galinheiro, à luz de lamparina. Ingressou na Marinha e hoje é ex-combatente remunerado. Com este folheto completa 154 títulos de cordel publicados, com um milhão e 142 mil exemplares divulgados no Brasil e no estrangeiro. Santa Helena em 4 anos foi citado mais de 200 vezes nos jornais, revistas, rádio e TV, de maneira positiva, pelo seu trabalho em defesa da Literatura de Cordel, com 280 palestras, etc., nas escolas, exposições e imprensa. É Sócio Benemérito da Ordem Brasileira dos Poetas Cordelistas, fundada pelo notável escritor Rodolfo Coelho Cavalcante. RSH foi agraciado pela Ordem com os títulos de "Cidadão da Cultura Popular" e "Cavalheiro da Ordem dos Cantadores". Fundou a Cordelbrás. No pleito de 25-8-83 da Academia Brasileira de Letras, teve 4 votos sem fazer campanha. (Yara de Souza, caixa postal 17055, Rio, CEP 21312 - Cordelbrás).

**CAPA: Foto de O GLOBO (15-05-84)
reproduzida pelo CIRO**

SONHOS DE LIBERDADE

No sertão da Paraíba
 Fui menino, fui escravo,
 Mamãe sendo lavadeira
 Onde papai foi um bravo -
 Ele morto, nós roubados,
 Pressão por todos os lados
 Que nem formiga no favo...

Nunca tive um centavo
 Nem vintém até 10 anos.
 Quando jovem e adulto
 Vivi nos centros urbanos.
 Camuflando meus cordéis,
 Fui cativo nos quartéis,
 Fiz a guerra dos tiranos...

O Poder dos veteranos
 Sutilmente me castrava,
 Pois sempre busquei espaço
 Pra dizer o que pensava.
 A velhice foi chegando,
 E eu fiquei esperando
 Ser livre como sonhava...

Mais triste que Pedro Nava,
 Nesta vil sociedade
 Que sufoca pensamentos,
 Que tem medo da verdade,
 Encontrei na poesia
 A mais fiel companhia
 Dos Sonhos de Liberdade... FIM